

A MARINHA IMPERIAL BRASILEIRA NO MANDUVIRÁ*

ALDEIR ISABEL FAXINA BARROS
Professor**

SUMÁRIO

Introdução
Primeira Expedição
Segunda Expedição
Terceira Expedição
Ações Logísticas
Considerações Finais

INTRODUÇÃO

Durante todo o percurso da Guerra da Tríplice Aliança, a Marinha paraguaia cumpriu importantes ações logísticas. A esquadra nacional paraguaia acompanhou o processo de expansão e retraimento do exército durante toda a contenda, sendo essencial em diversos momentos, no que

tange à retirada de pessoas e materiais da fortaleza de Humaitá, à construção da bateria de Fortín no Tebicuary e em Angostura, além do abastecimento de todas essas posições com recursos vindos de vários rincões do país e da província do Mato Grosso, invadida. Com a luta se deslocando para a região das cordilheiras, o Presidente Francisco Solano López ordenou o desar-

* Título apresentado pelo autor: “A Mais Estrambótica Expedição: a atuação da Marinha Imperial Brasileira no Rio Manduvirá durante a Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai”.

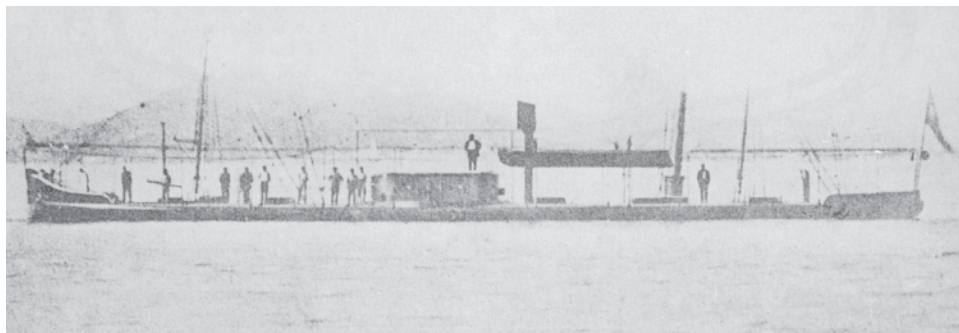
** Gestor em Agronegócios e acadêmico do curso de Agronomia pela Universidade Estadual de Maringá.

me de todos os vapores nacionais, ficando a bordo somente a guarnição necessária para a navegação, com o objetivo de levá-los ao Rio Manduvirá, que desemboca no Rio Paraguai em dois lugares, tendo sua nascente na Serra de Caaguazú. Ao todo, três expedições foram levadas a cabo pela Marinha Imperial com o intuito de destruir ou capturar os últimos navios da esquadra paraguaia, o que Arthur Silveira da Motta, o Barão de Jaceguay, intitulou a segunda digressão da “mais estrambótica expedição”, em que uma série de peripécias pouco conhecidas nos anais da história naval brasileira se desenrolou em um rio diminuto, o Manduvirá.

PRIMEIRA EXPEDIÇÃO

Segundo Efraim Cardozo, importante pesquisador do tema, a ordem de desarme dos navios paraguaios expedida pelo Marechal López foi efetuada precisamente em 28 de novembro de 1868: os navios deviam desembarcar sua artilharia e colocá-la em carretas; ficaria a bordo somente o pessoal necessário para a navegação; os desembarcados formariam um batalhão de infantaria de cerca de 300 praças, segundo Pereira da Costa, Tomo IV, p. 205. Ainda no mês de novembro, foi efetuado um segundo bombardeio naval à capital,

Assunção, destruindo um dos torreões do palácio presidencial e danificando diversos edifícios públicos, inclusive o estaleiro, no qual um novo vapor se achava em construção. Os navios que participaram dessa empresa foram o *Bahia*, o *Tamandaré*, o *Alagoas* e o *Rio Grande do Sul*. Assim que subiam o rio, no dia 29 de novembro, pela manhã avistaram o vapor *Piravevé* a grande distância, o qual não foi perseguido por já estar muito adiantado, fato este corroborado nas memórias do Coronel Juan Crisostomo Centúrión (Tomo III, p. 273). Após a queda da fortaleza de Angostura e a ocupação de Assunção, o almirante, aproveitando a cheia dos rios, expediu uma flotilha sob o comando do Barão da Passagem, com os seguintes navios: Encouraçado *Bahia*; monitores *Pará*, *Alagoas*, *Ceará*, *Piauí* e *Santa Catarina*; e canhoneiras *Ivaí* e *Meirim*. Deveria juntar-se a eles, ainda, o vapor *Voluntário da Pátria*, que estava em missão ao Cerrito, fato que não ocorreu. Levavam a bordo, segundo o Visconde de Inhaúma, um prático paraguaio, oficial de Marinha, e cujo nome não é mencionado no diário do visconde. O objetivo era capturar ou destruir os navios inimigos que tinham se refugiado diante da desproporção de forças no Rio Manduvirá. A expedição partiu de Assunção em 5 de janeiro de 1869 pela madrugada e às 16h30 fundeava na foz do



Monitor *Alagoas*, integrante da 1ª expedição, fotografado por volta de 1890
Fonte: Coleção do autor

Manduvirá. Depois de uma ligeira exploração, ficou acordado que as duas canhoneiras e o *Bahia* ficariam bloqueando a saída por não possuírem condições para navegação em um rio tão tortuoso.

O Barão da Passagem deixou o Encouraçado *Bahia* e tomou lugar no Monitor *Santa Catarina*, que passou a ser o capitânia da flotilha. Esta começou a subir o rio no dia 6, encontrando fundo superior a 2 ½ braças. Devido à tortuosidade do canal e ao mau governo dos monitores, os navios diversas vezes iam de encontro às árvores e barrancas, o que ocasionava danos em suas estruturas. Às 14 horas avistaram os navios inimigos que também subiam o rio. Segundo Inhaúma, os navios foram avisados pelo *Piravevé*, que servia de sentinela. A flotilha se compunha de ao menos nove vapores, um navio novo e inacabado e ao menos um patacho. O Barão da Passagem ordenou que se navegasse a toda força, porém só às 18 horas puderam chegar ao local onde avistaram as embarcações inimigas. Estas usavam diversas estratégias para dificultar a marcha dos monitores e, como não estavam artilhadas, não podiam oferecer resistência – e a desproporção de forças, mesmo se artilhadas, era imensa. No caminho foram afundadas inúmeras embarcações com o intuito de retardar a marcha das belonaves imperiais. Na chegada dos monitores, as primeiras embarcações a pique, um escaler guarnecido com seis praças paraguaias se apresentou com bandeira branca, declarando um deles ser mestre do patacho e informando que navegavam desde a manhã e que, por ordem presidencial, estavam internando os navios. Os informes, segundo a edição do *Diário de Belém* de 19 de fevereiro de 1869, seguem do seguinte modo: os vapores haviam sido avisados do movimento ofensivo dos navios imperiais por um ajudante do Marechal López; assim passaram todo o dia e a noite

de 5 de novembro a se abastecer de lenha, tendo começado sua digressão por volta das 8 horas do dia 6; a guarnição de todos os vasos orçava em torno de 180 homens sob comando de um capitão de fragata (segundo fontes brasileiras, era Aniceto López). Às 19 horas, o Barão da Passagem interrompeu a marcha dos monitores, depois de os navios inimigos terem entrado em um braço do Manduvirá (Arroio Iaguí) ainda mais estreito e a noite se aproximar – haviam percorrido mais de 20 léguas (96,56 km), segundo a Ordem do Dia nº 201 de Pereira da Costa.

No dia 7, a flotilha entra no Arroio Iaguí, por onde haviam passado os vasos paraguaios. Conforme avançava, mais obstáculos iam surgindo, criados pelos marinheiros que derrubavam inúmeras e grandes árvores no leito e madeiros dos navios, isso sem falar na sinuosidade do canal. Depois de navegarem por três horas, percorrendo mais de quatro léguas, encontraram o vapor paraguaio *Paraguari*, que havia sido posto a pique atravessado na corrente do rio, interrompendo a navegação. Após estudo pelos práticos, o chefe da expedição considerou o obstáculo insuperável e determinou a volta dos navios, os quais tiveram de efetuar a retirada navegando de popa, não dispendo os monitores de espaço para virar e aproar; calcula-se daí a pequena largura do canal levando em consideração as diminutas dimensões dos monitores (36,57 metros de comprimento). Na volta, o *Piauí* e o *Ceará* tentaram rebocar o vapor *Coititey* (*Mbotetey*), visto que o patacho e o outro vapor estavam totalmente submergidos – “Depois de consideráveis esforços não puderam os dois monitores conduzir o vapor, que por duas vezes encalhara com o *Ceará* que o rebocava” (Ofício do Barão da Passagem ao Visconde de Inhaúma). Devido às dificuldades, abandonaram o vapor. À alvorada do dia 8, os navios ainda

desciam o rio, e às 17h30 estavam reunidos às embarcações que bloqueavam a foz. No dia 9, às 10h30, toda a esquadilha já se reunia à esquadra em operações estacionada em Assunção. No movimento de retirada da esquadilha, o Monitor *Pará* bateu com a popa em um madeiro, perdendo o leme e tendo de ser rebocado pelo *Alagoas*. Devido à dificuldade dessa tarefa, o *Pará*, governando com suas hélices, desceu de *motu proprio* até o Rio Paraguai, onde passou a ser rebocado pela *Ivaí*, sendo deixado em concerto junto ao arsenal de Assunção.

Há uma grande controvérsia sobre os navios que foram afundados em direção a Caraguatay. Cesar Cristaldo Dominguez, citando o Capitão de Navio Jaime Grau, comenta que o *Yberá* foi afundado em frente ao local denominado Tobati Tuyá; em seguida, o *Mbotetey* foi afundado na Restinga de Salinares, aproximadamente no quilômetro 35 subindo o rio; e mais adiante o vapor *Paraguari* foi afundado na desembocadura do Arroio Iagui. Os registros brasileiros mencionam um grande vapor novo e inacabado que fora afundado próximo ao *Mbotetey*, ou *Coititey*, como chamam as fontes brasileiras, em conjunto com o Patacho *Rosário*. Em uma exploração do rio iniciada em 27 de outubro de 1869, tempos após as operações no Manduvirá se encerrarem, o Primeiro-Tenente (1^o Ten.) Júlio César de Noronha, responsável pelas mesmas, relatou, em documento transcrito no Jornal *O Despertador*, o itinerário, dizendo que primeiramente encontrou acima do Passo¹ do Manduvirá o vapor *Mbotetey*, ao qual chama de *Vesúvio*, seu nome antes de pertencer à esquadra paraguaia, e que fora incendiado. Acima do Passo das Canoas, encontra um vapor novo afundado, sobre o qual mencionara, em uma enchente, que seria possível removê-lo do local; nes-

se vapor teria começado a ser instalado o sistema de propulsão a rodas de pás – sua quilha media 220 pés (67,056 m). Adiante encontra um patacho com rombo no costado que denomina *Tres Hermanos*. Em seguida, entrando no Arroio Iagui, observa o *Paraguari* totalmente cheio d'água e prossegue até o Passo Guarayo. Até este ponto havia passado por dez passos, um pequeno povoado e uma estância; por não conseguir passar de Guarayo devido a uma muralha de pedras no local, empreende volta e explora os outros afluentes do Manduvirá. O tenente em nenhum momento menciona ter encontrado o navio *Yberá*, e nada há também no ofício do Barão da Passagem sobre esse navio, que também consta ter sido afundado no caminho para Caraguatay.

SEGUNDA EXPEDIÇÃO

Com a saída do Visconde de Inhaúma, sendo este substituído pelo Chefe de Esquadra Elisiário Antônio dos Santos, novas disposições foram tomadas para os combates que estavam por vir. Desde a primeira expedição, mantém-se o bloqueio na embocadura do Rio Manduvirá para evitar qualquer saída dos navios. Com as constantes chuvas e o aumento do volume dos rios, foi disposta, em ofício datado de 16 de abril de 1869, a ativação da perseguição dos navios que se encontravam no Manduvirá. Tal documento é de lavra do Conde D'Eu e foi redigido no povoado de Luque, logo após sua chegada e de conferenciar com os chefes das armas imperiais. Para isso o chefe de esquadra notificou o comandante da primeira divisão Victorio José Barbosa da Lomba sobre a nova expedição em caça aos vapores inimigos. E para tal cometimento foi escolhido para a chefia da esquadilha o

1 Passo: local de um rio de pouca profundidade, com margens baixas e suaves, que permitem a passagem de pessoas, animais e veículos, muito utilizado até a disseminação das pontes.

comandante do Encouraçado *Colombo*, Capitão de Fragata (CF) Jerônimo Francisco Gonçalves, que, acompanhado da Corveta *Belmonte* bloqueava o Manduvirá. A esquadilha era composta pelos monitores *Santa Catarina* (capitânia), comandado pelo 1º Ten. Antônio Severiano Nunes, rebocando a lancha a vapor *Couto*; *Piauí*, do comandante 1º Ten. Carlos Balthazar da Silveira; *Ceará*, sob o comando do 1º Ten. Antônio Machado Dutra, e mais as lanchas a vapor *João das Botas* e *Jansen Müller*, comandados pelo 1º Ten. Gregório Ferreira de Paiva e pelo Segundo-Tenente (2º Ten.) Affonso Augusto Rodrigues de Vasconcellos, respectivamente. Os práticos disponíveis (Bernardino Gustavino, Thomaz Almuri e Araújo) diziam nada conhecer do rio. Antes de partir, a expedição reclamou um médico, no que foi atendida pelo Dr. Oliveira Coutinho, que de bom grado ofereceu-se para acompanhar os navios.

A entrada da esquadilha teve início no dia 18 de abril de 1869 pela madrugada. A ordem de marcha era o Monitor *Santa Catarina* com a *Couto* atracada, na vanguarda, seguidos pelo *Piauí* e pelo *Ceará* e pelas outras duas lanchas. Gastaram seis dias, segundo Pereira da Costa, para chegar defronte à vila de Caragatay - desde o segundo dia de viagem foram seguidos por forças de cavalaria. Segundo Ouro Preto, essa vigilância era possível devido “às múltiplas sinuosidades do rio e dos arroios, tantas e tais que ainda na tarde do dia 20, depois de mais de um dia de viagem de sol a sol, do alto dos mastros da Araguari se viam, por entre a vegetação da margem, os monitores e depois a fumaça das chaminés”. À noite, quando os navios fundeavam, eram cuidadosamente vigiados. Segundo Bormann, os paraguaios “não os hostilizaram na ida, na esperança de conseguirem cortar-lhes a retaguarda e de massacrarem as guarnições completamente na retirada”.

Ouro Preto descreve o itinerário da viagem: “Passou todo o Manduvirá, costeou a grande Lagoa de Aguaracaty, entrou no Arroio Hondo e daí no Mubutuy, chegando através de muitas dificuldades em frente à vila de Caragatay”. Foram percorridas, segundo fontes brasileiras, cerca de 60 a 70 léguas (289,68 a 337,93 km – utilizando o programa Google Earth, foi mensurada, da foz ao local onde estavam os navios inimigos, a distância aproximada de 120,96 km).

A expedição, segundo Tasso Fragoso, passou pela retaguarda de um acampamento inimigo no dia 24. Provavelmente ela não contava que os navios estivessem tão longe, não tendo se municiado o suficiente para aliviar o calado destes; assim, o comandante ordenou que duas lanchas fossem buscar provisões na foz (saíram no dia 22, segundo Theotonio Meirelles; já para Tasso Fragoso, foi dia 25). Quando o estampido de machados foi ouvido pela esquadilha que aguardava os mantimentos, “disse Gonçalves, estou aflito por não saber se embarçaram a saída das lanchas” (*Diário de Belém*, 4/6/1869). O *Diário do Exército* menciona o seguinte sobre o fato: “Começavam a manifestar-se nos navios grandes faltas, tais como de azeite, carvão, graxa e mantimentos”. As lanchas chegaram à foz do rio no dia 26 para se abastecerem e logo empreenderem marcha rio acima.

Assim que chegaram perto (Jourdan menciona que os navios ficaram a mais de meia légua) da vila de Caragatay, no dia 25, conseguiram divisar ao longe alguns navios, não podendo avançar mais devido à falta de água no canal para os monitores. Gonçalves embarcou na “lanchinha (*Couto*) que conservara consigo e buscou nela aproximar-se dos vapores inimigos. Nem para a própria lanchinha havia água!” (*Diário de Belém*, 4/6/1869). Fragoso deixa assinalado: “Como o rio baixasse diariamente de um a dois pés, decidiu Gonçalves volver

no dia 25 até um passo que ele atravessara na manhã deste dia e por onde cruzava gente e gado de uma margem para outra, conforme se deduzia dos vestígios que ali se lhe depararam”. Continua o mesmo autor sobre os navios inimigos: “Deste ponto (o passo) via-se perfeitamente a cerca de uma légua de distância a vila de Caraguatay e os mastros dos vapores inimigos”. No momento em que ia tentar um desembarque para incendiar os vapores, foi cercado pela vanguarda por um regimento de cavalaria e pela retaguarda por outro, apoiado por infantaria. “Gonçalves voltou ao monitor desesperado desta contrariedade. Os inimigos não se moviam. Então com uma calma nobre, todos os oficiais, vendo que baixavam consideravelmente as águas dos rios, deliberam almoçar à vista do inimigo e fazer saltar (explodir) os monitores antes do que entregá-los ao inimigo.” (*Diário de Belém*, 4/6/1869). Após almoçarem, por volta das 14 horas, em frente às tropas inimigas, o sinal de batalha foi levantado, para o caso de serem hostilizados.

Sem espaço nos monitores para alojar pessoal extra (a guarnição de cada monitor orçava em torno de 37 homens, as lanchas provavelmente menos de dez praças cada), não dispunham de forças de desembarque. A mesma fonte explica: “Todos sabem que os monitores são de 120 pés (36,57 m) de longo sobre 28 (8,53 m) de largura e que a peça, as máquinas e uma pequena cobertura ocupam a cavidade e que no meio existe um torre de pouquíssima elevação”. Ouro Preto relata que “nas proximidades de Caraguatay, como que a 2 milhas (3,21 km), estavam encalhados os navios paraguaios. O rio não oferecia água suficiente, nem para as lanchas de menor calado; sem tropa de desembarque não podia Gonçalves atacá-los, mormente defendidos como se achavam por parte das forças numerosas que o seguiram”. Daí foram expedidas as

lanchas para a busca de mantimentos. No dia 25 de abril, o rio descera dois pés. Gonçalves ordenou que aguardassem no local os recursos a serem recebidos para que, com uma possível cheia, pudesse destruir as naves inimigas, mas durante a noite de 26 ouviu sem cessar o trabalhar de machados e a derrubada de árvores a jusante de sua divisão. “Cortaram-nos a retaguarda pelo rio”, disse Gonçalves. Na madrugada de 27, iniciaram a descida ainda sem terem recebido os recursos pedidos. No *Diário do Exército* menciona: “Em consequência da baixa das águas e sobretudo das faltas no fornecimento, fora obrigada (a esquadilha), no dia 27, a empreender a volta, navegando em revés por não poderem os monitores virar e aproar”. A falta de mantimentos e de água para as embarcações navegarem, agravada pelos barulhos ouvidos a jusante da posição, foram fatores determinantes para a decisão do comandante de empreender a volta da expedição, já que os navios tinham de descer de popa, “porque o máximo de largura de quase todos esses riachos é de 12 braças, e o mínimo de 7” (21,94 e 12,80 metros, respectivamente).

O correspondente do *Diário de Belém* registra, em 4/6/1869: “Encontramos de ambas as margens cortadas grossas árvores e por espaço de cinco braças consecutivas, a fim de entupir o rio e prender-nos. Era trabalho de uma noite executado por muitos paraguaios. Passamos a tempo e salvos, porque os interrompemos de madrugada”. Pereira da Costa, sobre o início do retorno da esquadra, deixa escrito: “Às 11 horas da manhã a esquadilha encontrou um ponto do rio atravancado com vigas e muitas árvores, todas bem enleiradas com cipós e ervas para embarçarem os hélices”. Segundo Jourdan, com esses obstáculos, “buscava o inimigo fazer-nos perder tempo”, e um segundo ponto foi encontrado com defesas, as quais consistiam em “enormes vigas atadas

umas às outras com fortes guascas (tiras de couro) e trincheiras em ambas as margens”. O Monitor *Ceará*, que ia à frente, foi incumbido da limpeza destes obstáculos, efetuada à machadinha por sua guarnição; depois de rompê-los, continuaram a viagem de volta, e os navios fundearam às 19 horas (sempre a ouvir golpes de machado e estampido de árvores). Nas suas memórias, o CF Romualdo Nuñez descreve ter sido incumbido de fechar a volta dos monitores logo que se soube que os mesmos ali estavam. Para tal, partiu de Ascurra com o batalhão de Marinha para a margem do rio, e o mesmo se apresentava muito crescido, suas águas chegavam mesmo a uma légua do canal normal. Por meio de explorações com nadadores e informações colhidas com os moradores, eles tentavam buscar o melhor local para a interceptação. Um ajudante de ordens de López chegou indicando que deviam unir forças com o Major Montiel de Cavalaria, que estava no Passo Guarayo com as mesmas ordens. Nuñez, chegando ao local, observou que nas margens havia muitas pedras soltas que podiam facilmente ser empilhadas, bloqueando o canal, mas o Major Montiel preferiu lançar ao rio alguns carros de boi, notificando ao Marechal que os navios “*estaban ya encerrados*” e que Nuñez ali nada fazia, sendo ordenado a este último retornar a Ascurra, deixando o comando do batalhão de Marinha.

Na tarde do dia 28, por volta das 14 horas, as duas lanchas que retornaram com suprimentos informaram existir um terceiro ponto, com defesas sendo construídas no local, denominado Passo Guarayo, que estava fortificado e que as embarcações foram hostilizadas com disparos de armas de fogo e tentativa de abordagem, resultando em ferimentos em um maquinista e alguns marinheiros. Nuñez, sobre esse fato, escreve: “Subiu uma pequena lancha a vapor até os monitores, tentaram capturá-la

com canoas”. De posse dessas informações, a esquadrilha se apressou a descer o rio para ultrapassar aquela localidade, “durante todo o dia 28 navegou-se a jusante com toda a força a ver se ficava transposto o passo de Quarayó” (escrita original do Diário do Exército). Devido às dificuldades de navegação, não concluíram este intento, tendo de fundear no período noturno e aguardar o novo dia para o cometimento.

No dia 29, segundo Pereira da Costa, entre 7 e 8 horas, “a esquadrilha teve de forçar esse passo, já fortificado com uma bateria a barbete de duas peças de campanha, boas trincheiras para fuzilaria em ambas as margens, guarnecidas de 1.100 homens, 900 na margem esquerda e cerca de 200 na outra”. Fora isso, abaixo do ponto fortificado havia uma obstrução do rio, feita com o intuito de estacar o movimento da divisão, constituída de possantes árvores cortadas, canoas, vigas, correntes de ferro, cordas e carros de boi carregados com pedras atirados no canal. A Lancha *Jansen Müller*, indo na vanguarda servindo de exploradora e mesmo antes de chegar à bateria, quando o seu comandante foi verificar a fluabilidade de uma viga, teve lançados ao seu encontro dois torpedos (minas navais, movimentadas provavelmente por cordas das margens). O correspondente do *Diário de Belém*, em 4/6/1869, menciona “torpedos em número de três, dos quais um com cinco arrobas de pólvora e uma bala oca enorme”, os quais não fazem explosão; a lancha desvia e dá sinal ao *Ceará*, que lhe estava à popa, e, depois de divisar a bateria e as defesas mais abaixo, volta rio acima, a dar informações detalhadas sobre o ponto à divisão.

A esquadrilha então se aproxima cautelosa, segundo Nuñez, “ancorando em frente a Guarayo, lançando bombas e metralhas sobre nossas forças, conseguindo ferir e matar a vários”. O Monitor *Ceará* toma a dianteira (segundo Bormann, era

o que possuía a máquina mais potente; pela ordem de volta, ele era o ponta de lança, pois foi o último a entrar no rio) e os outros navios guardam distâncias convenientes para não embarçar o navio que deve romper os obstáculos dispostos à frente. Bormann escreve: “Os canhões e a fuzilaria do inimigo, os seus alaridos, e vivas como saudando a vitória que julgam infalível, formam um verdadeiro contraste com a mudez da esquadilha”. O monitor consegue romper as defesas, como escreveu o Visconde de Taunay: “Ainda é o *Ceará* que abre caminho; avança a todo vapor, estaca por momentos pela resistência dos cabos, rompe-os porém, corta com seu choque as ramas enredadas e mais abaixo espera sobre rodas seus companheiros de penosa viagem”. Nuñez não estava presente na hora do combate, mas teve contato com sua tropa de marinheiros posteriormente. Sobre o forçamento das defesas, descreveu que os monitores “levantaram com aparelho algumas carretas que estavam submersas no canal, e o deixaram expedito”. Em relação ao rompimento das defesas, Ouro Preto alude às maiores dificuldades, referindo-se ao Monitor *Ceará*: “Esbarra nos obstáculos que lhe entorpecem os movimentos, e afinal é detido pelos cipós, enroscados nos propulsores, obstando-lhes o jogo, consegue cortá-los sob vivo fogo, desfechado não só das baterias e trincheiras como dos galhos das árvores...”. As outras embarcações tiveram papel preponderante no rompimento, pois, segundo o autor, logo após o *Ceará* investir às defesas, “aproximam-se os demais barcos e graças aos esforços de todos, combatendo uns, trabalhando outros, removidos os estorvos, é transposto o terrível passo”.

Após ultrapassarem Guarayo, o CF Gonçalves ordena a subida dos navios novamente à zona de combate e, conforme Ouro Preto, “cobre as fortificações de metralha e fuzilaria, opera desembarque, corta um grupo de 80 paraguaios e os faz prisioneiros, inclusive quatro oficiais. O comandante inimigo Capitão Lopez² e cem soldados foram mortos nesse dia”. Jourdan, sobre o desembarque de forças brasileiras, escreve: “Gonçalves manda então desembarcar, abaixo da bateria, 80 homens. Faz ali cinco prisioneiros...”. Quando as forças perceberam que o inimigo se retirava, “tenta um desembarque de 80 homens que conseguem aprisionar dois oficiais e três praças, cujos nomes são os seguintes: Tenente de Marinha Angelo Fernandes, Alferes Victorino Escato, Sargento Victorino Vasques, Marinheiro Agostinho Ortiz e Soldado de cavalaria Juan Flores”, (Diário do Exército). Ouro Preto, sobre o número de prisioneiros, o eleva a 80, provavelmente confundindo com a tropa de desembarque. Fragoso diz sobre o desembarque: “Como estes prisioneiros informaram ser numerosa a guarnição da trincheira, o contingente retira-se e reembarca”. Pereira da Costa, sobre a volta da esquadilha, registra o seguinte: “Sobe de novo o rio para bater-se com os paraguaios: os monitores ancoraram mesmo defronte do inimigo e principiaram a metralhar ambas as margens”. Bormann anota: “O bravo comandante não se dá por satisfeito e ordena que a esquadilha volte águas acima aparelhada para novo combate... Os paraguaios respondem com seus dois canhões e cobrem de balas de fuzil aqueles que aparecem no convés”. Em 4/6/1869, o correspondente do *Diário de Belém* menciona o modo como se desenrolou o combate: “Os monitores

2 Segundo César C. Dominguez, a informação é inexata, pois o Capitão Aniceto López, no pós-guerra, assumiu cargos políticos no país.

ancoraram mesmo em frente do inimigo à queima-roupa e enquanto um metralhava uma das margens, os dois outros metralhava a outra...O *Piauí* ancorou mesmo em frente da artilharia inimiga e ocupava o centro do combate”.

Fato não mencionado no Diário de Exército e pouco conhecido sobre a segunda expedição ao Manduvirá é a abordagem tentada pela quarta vez durante a guerra a navios encouraçados da Marinha Imperial brasileira. O correspondente do *Diário de Belém*, em 4/6/1869, deixa escrito sobre o início da volta da esquadilha águas abaixo: “Os paraguaios nos seguiam – por vezes de noite; quando fundeávamos, tentavam abordar-nos. Fizemos fogo de metralha e de fuzilaria, eles recuaram”. Bormann comenta que “em nenhuma outra ocasião o Marechal López alimentou tão robustas esperanças de apoderar-se de navios nossos como então”. O CF Nuñez não estava mais presente no momento do combate por ter sido ordenado que voltasse ao quartel-general: “Quando iniciaram o bombardeio, eu e meu segundo, o Tenente González, tínhamos caminhado cerca de meia légua do lugar, rumo a Ascurra, acompanhados de um assessor do Marechal”. Centurion menciona em sua obra:

O Marechal, informado da presença de monitores brasileiros no mencionado posto (Manduvirá) e de que o rio baixava, formulou um projeto de apoderar-se dos mesmos. Com este fim, despachou de Azcurra o batalhão de marinha a mando do Capitão de Fragata Romualdo Núñez, com instrução de incorporarem o regimento de cavalaria (Acá Morotí) que as ordens do Major Montiel explorava a costa do Iaguí e de obstruir o Passo Guarayo, ou qualquer outro bastante estreito, a fim de impedir o regresso dos navios inimigos.

Efraim Cardozo, em seu livro *Hace 100 Años*, lamenta a não-conservação do periódico *Estrella*, pois este poderia servir de base de dados sobre o fato. O mesmo autor menciona Juan de O’Leray, o qual, em uma de suas obras, deixa escrito: “Quando os paraguaios virão frustrados seus sacrifícios [refere-se às tentativas de obstruir o passo aos encouraçados], intentam uma louca abordagem, lançando-se a nado sobre os navios imperiais, perecendo quase todos fulminados pela metralha antes de chegar a eles”. Ouro Preto cita que no meio da peleja, “dos galhos das árvores, se colocaram os inimigos, tão ousados, que dali, deixando-se cair procuravam saltar sobre o convés”.

Cardozo faz referência ao cônsul francês M. de Curverville, que, em correspondência a seu país menciona a tentativa de abordagem ocorrida no Manduvirá. O cônsul declara que foram 500 homens tentando abordar dois encouraçados – mesmo as informações não sendo precisas em relação aos números, a correspondência oficial as corrobora com os outros documentos que dizem respeito à veracidade da tentativa de abordagem. Bormann questiona: “Como comparecer ante a pessoa do Marechal López para levar-lhe a notícia de mais uma catástrofe, se agora a destruição da nossa esquadilha podia ser considerada como fato indubitável, indiscutível?”. O autor menciona que esse poderia ter sido o pensamento do Comandante Nuñez ao ordenar a abordagem aos “200 paraguaios do batalhão naval que atiram-se ao rio, todos trazendo uma faca afiada para degolar os nosso bravos”. E prossegue, dizendo que, em resposta à esquadilha, “a metralha e as balas de fuzilaria caem em torrentes sobre eles”. Uma cena tétrica provavelmente se desenvolveu naquele mesquinho rio. O autor continua: “O quadro é terrível, porque a cada lufada de metralha os corpos dos nadadores se despedaçam e as águas

se enrubescem, mas os que sobrevivem avançam, avançam sempre, nadando com a faca presa aos dentes, para encontrar mais adiante a morte”.

Depois de uma luta prolongada, segundo as fontes brasileiras, nenhum homem chegou a subir nos conveses e os assaltantes restantes se retiram “aos mergulhos para evitar as pontarias, deixando mais de 100 cadáveres naquele rio estreito, e em superfície muito limitada”. Bormann menciona que o Comandante Nuñez foi morto, o que é inexato, devido aos cargos políticos ocupados pelo mesmo no pós-guerra. Pereira da Costa, sobre o fato, diz: “Duzentos homens valentes tentaram abordar os nossos monitores” a nado, “traziam facas afiadíssimas para degolar os brasileiros”, acrescentando que mais de cem ficaram mortos no rio e que houve muitos feridos e alguns prisioneiros. Segundo Pereira da Costa, esse combate durou cinco horas, mas o Diário do Exército não menciona o tempo de combate. Um excerto de uma correspondência da esquadra publicado pelo mesmo autor refere-se ao combate da seguinte forma:

Ah! Era um punhado de bravos brasileiros que ali defendiam a bandeira, a honra nacional. O próprio médico, Dr. Oliveira Coutinho, tomou uma espingarda e bateu-se, passeando com aquele vagar que lhe é próprio, de ré à proa e vice versa, a peito descoberto e onde melhor pontaria podia fazer. E porque quase toda a viagem os paraguaios o viram de binóculo a observar, parece que lhe tinham vontade, pois que as balas zuniam a seu lado, e duas ele apanhou que se despedaçaram no costado do navio e de ricochete batera-lhe. Os comandantes mesmo na ocasião do combate o cumprimentaram com seus bonés, ao que ele respondeu, e continuou a fazer fogo.

Sobre a derrota sofrida, escreve Bormann: “O Marechal López, em vez de receber em seu quartel general as cabeças ensanguentadas de nossos valentes marinheiros, teve mais uma vez de ouvir a narração dos detalhes de um derrota em que perdera mais de 100 dos seus valentes”. Após o combate, lê-se no Diário do Exército que a esquadilha “desceu o rio até sua foz sem mais acidente. A perda que sofreu foi de um único homem, tendo somente seis feridos, entre os quais o bravo maquinista Júlio Raposo de Mello merece particular atenção por ter sido tocado duas vezes por bala, extraíndo com a própria mão o primeiro projétil que o ofendera”. Provavelmente a esquadilha chegou à foz do rio na tarde do dia 30. Em 1º de maio de 1869, o Conde D’Eu recebe um telegrama de Assunção informando a descida da expedição e contendo breves relatos das defesas que a posição de Guarayo detinha. Tal telegrama provavelmente indica a chegada da esquadilha na capital paraguaia na mesma data. No dia 2, são registrados no Diário do Exército outros detalhes. Devido à expedição, foi anotado na Caderneta Histórica do Comandante Jerônimo Gonçalves o seguinte: “Por aviso da Secretaria de Estado da Marinha em 14 de maio de 1869, de nº 3.061, foi mandado louvar por sua Majestade o Imperador o comandante da Expedição de Manduvirá pelo acerto e valor que demonstrou”. (BITTENCOURT, 2011).

O Barão de Jaceguay tece severas críticas à segunda expedição, pois, dentre outras coisas, o Barão da Passagem tinha garantido que os navios inimigos se internaram em um pequeno arroio e com as duas bocas do Manduvirá bloqueadas pelo *Colombo* e pelo *Belmonte*. O que poderiam os resquícios da Marinha inimiga tentar com o Rio Paraguai ocupado a jusante, em Assunção, e a montante, em Vila do Rosário? Master-

man, sobre a expedição no Manduvirá, cita em sua obra: “*Nada hubiera sido mas fácil que su toma o destruccion*”. Com o avanço dos exércitos aliados, os paraguaios teriam de abandonar os barcos ou incendiá-los, como de fato ocorreu. O autor continua comparando o feito ao da Guerra Hispano-Americana, na qual, em Santiago de Cuba, a esquadra espanhola ficou retida diante do poderio estadunidense. No Manduvirá existiam mais agravantes devido a ambas as margens estarem ocupadas pelo inimigo, à navegação ser desconhecida, à diminuta guarnição dos navios, à importância dos monitores encouraçados e à sanha do inimigo em arrecadar uma destas máquinas. Jaceguay termina nos seguintes termos:

As peripécias da retirada dos monitores, um dos episódios mais dramáticos da guerra, serviram somente para mostrar que, se o Chefe de Esquadra Elisiário não foi causador de um grande desastre para a nossa Marinha, não foi porque não tivesse excogitado o único meio de pôr em perigo alguns centos de bravos, oficiais e marinheiros, e três vasos da nossa Esquadra, quando já estava terminada a sua missão na Guerra do Paraguai.

TERCEIRA EXPEDIÇÃO

Após a segunda expedição, o rio ficou bloqueado e a Lancha *João das Botas* fez, em 7 de julho de 1869, uma exploração de 10 léguas em suas águas, sem nada encontrar. Tempos depois, o Chefe Elisiário, após receber informações de que as tropas inimigas se deslocavam com o intuito de atravessar o Manduvirá para então fortificarem-se, ordenou a subida da Canhoneira *Iguatemi*, das lanchas a vapor *Tebiquary*, *Inhaúma* e *Jejuy* e, mais tarde, do Vapor-Aviso *Lindóia* até onde fosse possível, com o fim de embarçar o movimento do exército inimi-

go e novamente tentar destruir os vapores que desde janeiro se achavam internados no Arroio Iagui. Partiram em 17 de agosto de 1869; pouco acima do Passo Orqueta ficou a *Iguatemi* por falta de água para navegação e por desse ponto poder dominar amplos terrenos com seus canhões. As lanchas se adiantaram, chegando mesmo aonde estava afundado um vapor, mas, como já era quase noite, voltaram para pernoitar ao lado da canhoneira.

No dia seguinte (18) pela manhã, seguiram viagem, chegando ao Passo Guarayo, onde encontraram, no leito do rio, um muro de pedras de uma braça de altura por três de largura, ficando um pequeno canal navegável apenas por canoas. Com a chegada do Vapor *Lindóia*, foram reforçados os marujos que trabalhavam na desobstrução do passo, tarefa que conseguiram concluir depois de muito trabalho. Dos mastros do vapor divisaram homens no trabalho de levar gado para a direção das cordilheiras. As lanchas estavam sendo seguidas, como da segunda expedição, por forças inimigas, e como não havia água para as embarcações, as mesmas tiveram de retornar. Na volta da expedição, muitas famílias que estavam às margens do rio foram levadas para Assunção, dentre elas uma brasileira da província de Mato Grosso que fora aprisionada. Nesse mesmo dia, acossados pela vanguarda das tropas brasileiras a mando do General Câmara, os marinheiros, a mando do 1º Ten. Miguel Vieira, atearam fogo nos navios e se dirigiram a San Estanislao para se agrupar às demais forças, atendendo às ordens do Presidente López. Jourdan, testemunha ocular do fato, deixa o seguinte registro: “Vimos arder e voar pelos ares seis vapores – *Piravevé*, *Anhambahy*, *Salto de Guairá*, *Apa*, *Paraná* e *Iporá*.” O Diário do Exército, sobre o combate em Caraguatay, registra: “O General Câmara levava a perseguição até o

Rio Iaguí, junto a ele assistiu ao incêndio que os paraguaios atearam nos vapores *Apa, Anhambá, Guairá, Iporá, Paraná e Piravevé*, ali encalhados”, depois de a Marinha tanto haver perseguido os navios inimigos foram seus próprios marinheiros que atearam fogo, devido à aproximação do exército brasileiro, as tropas chegaram à barranca do arroio quando os navios acabaram de ter sido incendiados. Continua o Diário: “Um deles continha muita pólvora e projéteis, de modo que fez explosão, matando-nos um furriel e ferindo outras praças”. Na manhã de 20 de agosto de 1869, o Conde D’Eu foi ao local da imolação, observar os vapores.

AÇÕES LOGÍSTICAS

Depois das três expedições, o Rio Manduvirá “tornou-se uma via de comunicação entre eles (aliados) e a cidade de Assunção” (Diário do Exército). A 22 de agosto, o CF Salgado teve ordem de explorar o Manduvirá acompanhado dos engenheiros Jourdan e Eugênio, que deveriam partir em direção ao rio e encontrar os navios da Armada imperial. Ao 1º Corpo do Exército foi ordenado que procurasse também os navios surtos no rio para serem transportados. O General Mena Barreto mandou expedir forças de cavalaria com o intuito de encontrar os navios, e a que foi ao Passo de Guarayo escutou o ruído das embarcações, não podendo se aproximar da margem por não encontrar vão entre a mata fechada. No dia 24 de agosto, com rumores de que o inimigo marchava para o norte do Manduvirá, foi ordenado que os navios *Belmonte, Henrique Martins, Ceará e Piauí* subissem para a foz daquele rio. Em ocasião da posterior exploração do rio, ocorrida em outubro do mesmo ano, o 1º Ten. Noronha menciona que o Passo Guarayo estava situado no Arroio Iaguí, a 11 milhas da desembocadura deste no Manduvirá e sobre os resquícios

das defesas: “Batelões a pique, uma estacada... Há cinco carretas de bois a pique... Fizemos um desembarque e encontramos a 50 braças da margem esquerda para o interior um acampamento abandonado e um trincheira já meio demolida pelo tempo, correndo paralelamente ao rio e um pouco acima da estacada. Uma forte linha de abatizes protege o flanco direito desta trincheira”. Fora o muro de pedras que, desde a terceira expedição, estorvava o passo aos navios. Desta vez, devido à baixa do rio, não puderam ultrapassar este ponto, retornando rio abaixo e explorando os outros afluentes do Manduvirá.

O Capitão Salgado informa que, acompanhado de um esquadrão de cavalaria, encontrou dois monitores no Passo Tobaty, embarcou em um deles e seguiu para Assunção. O Passo Tobaty foi palco do embarque do material e de parte do pessoal do 1º Corpo. O Conde D’Eu embarcou, em 7 de setembro, em um vapor que levava seu nome, enquanto os monitores recolheram a artilharia, aliviando o peso dos animais, que deviam seguir por terra ao local denominado Porto Gonzales, à margem esquerda do Manduvirá. Este local, segundo o Diário do Exército, “apresentava grande animação: as muitas casas de comércio, navios atracados a barranca”, não oferecendo espaço suficiente para o grande número de tropas e sendo suscetível a alagamentos. Então resolve-se mudar o acampamento para Arecutaguá, ponto abaixo da foz do Manduvirá (ver *Atlas Histórico da Guerra do Paraguay*); parte da tropa e todo o material pesado seguiram embarcados, enquanto a cavalaria e alguns batalhões de infantaria foram por terra, para logo depois seguirem embarcados para a Vila do Rosário, onde se concentrara a nova base de operações. Os monitores aguardaram na foz do Manduvirá com o material de artilharia embarcados; uma grande esquadilha sobe para levar o 1º

Corpo à Vila do Rosário, que já estava ocupada por forças brasileiras desde janeiro de 1869. É declarada a livre navegação até Rosário, são criadas duas forças de combate, uma ao norte e outra ao sul do Manduvirá, e a Marinha no tocante vai ser essencial no aprovisionamento das forças do Exército no Rio Jejuí, como escreveu Taunay: “Como o brigadeiro Câmara deve atuar em uma larga zona desde o Rio Jejuí até o Apa, convém que o comandante da força naval que seguir para aqueles pontos se preste a qualquer requisição do general, não só para fazer desembarques, como para receber as famílias que forem libertadas e transportá-las a Assunção”. Com a mudança no teatro de operações mais ao norte, o Rio Manduvirá deixou de ser palco das ações de maior envergadura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações no Manduvirá constituíram um sério risco para a Marinha Imperial brasileira, desnecessário devido às características presentes. A Marinha, como bem disse Jaceguay, serviria, nesta última fase da contenda, como auxiliar do Exército no bloqueio de posições e no amparo logístico de suas operações. Os poucos documentos sobre o fato não permitem esmiuçar com detalhamento as ocorrências, principalmente a segunda expedição, sem dúvida a mais calamitosa de todas. Caso a ideia do CF Romualdo Nuñez tivesse sido seguida e uma parede de pedras interceptasse a volta dos monitores, o resultado poderia ser catastrófico para a Marinha Imperial. Os diários de bordo de vários navios da armada, inclusive dos monitores, presentes no Arquivo Nacional (RJ), pouco ou quiçá

nunca estudados, podem dar novas luzes ao feito da esquadilha de Gonçalves. O drama do momento da abordagem dá a entender que foi algo sem precedentes; para o próprio médico da expedição se armar e combater lado a lado com a marinhagem, sendo ferido por duas vezes, o momento não deveria ser o dos mais controláveis. Como citou Dominguez, os combates no Manduvirá provocaram o batismo de fogo dos primórdios da infantaria de Marinha paraguaia que atuou no Passo Guarayo e também selaram o fim da Esquadra daquela nação, que teve todos os seus navios destruídos, pelo inimigo ou para evitar sua captura. Por volta do fim da década de 1970, um plano de recuperação

dos vapores foi apresentado ao governo paraguaio (detalhado no *site* Histamar pelo Capitán de Navio Jaime Grau), dando início à recuperação, catalogação e criação de um museu a céu aberto denominado Vapor Cué (vapor velho, em tradução livre, fazendo uma alusão aos navios ali imolados), com os restos dos seis navios que chegaram ao Arroio Iagui. Primeiramente foram encontradas as embarcações no canal do arroio em uma distância não mais de 600 metros do primeiro ao sexto navio. Depois de colocados postes marcando exatamente onde cada navio foi encontrado, os mesmos foram levados ao local do museu, próximo ao canal e agrupados com pilares que os afastam do solo, frequentemente alagado. O lugar conta com um hotel para acomodar os visitantes e pesquisadores que buscam conhecer *in loco* as dificuldades enfrentadas por um povo, fazendo chegar a um pequeno arroio tão grandes naves, assim mantendo viva a história de uma pequena odisseia.

Os combates no Manduvirá selaram o fim da Esquadra paraguaia, que teve todos os seus navios destruídos

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<HISTÓRIA>; História da Marinha do Brasil; Guerra do Paraguai;

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, L. E. B. (2011) *A Marinha Imperial na Guerra do Paraguai não foi só Riachuelo*. Rio de Janeiro.
- BORMANN, J. B. (1897) *História da Guerra do Paraguay*. Volume III. Curitiba. Imprensa Paranaense.
- CARDOZO, E. (1980) *Hace 100 Años: crônicas de la guerra de 1864- 1870*. Tomo XI. Asuncion.
- CARVALHO, D. C. de. (Barão da Passagem). (1869) Extrato do Ofício do Sr. Barão da Passagem ao Sr. Visconde de Inhaúma, datado de 9 de janeiro. In *Chronica dos principais acontecimentos concernentes à actual guerra do Paraguay: Dezembro de 1868 e Janeiro de 1869*. Eduardo & Henrique Laemmert. Rio de Janeiro.
- CENTURIÓN, J. C. (1897) *Memorias o Reminiscencias Históricas sobre la Guerra Del Paraguay*. Tomos III e IV. Imprenta de Obras, de J. A. Berra-Bolívar, 455. Buenos Aires.
- COSTA, F. F. P. da. (1870) *História da Guerra do Brasil Contra as Republicas da Uruguay e Paraguay*. Volume IV. Livraria de A. G. Guimarães e Cia. Rio de Janeiro.
- DIÁRIO DE BELÉM. Belém. 19 de Fevereiro de 1869. Ano II, Nº 38. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=222402&pagfis=625&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#>> Acesso dia 08/01/2016.
- DIÁRIO DE BELÉM. Belém. 4 de Junho de 1869. Ano II, Nº 124. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=222402&pagfis=949&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#>> Acesso dia 08/01/2016.
- DOMÍNGUEZ, C. C. (2013) *Las Batallas Navales* (guerra de la triple alianza). Colección 150 años de la Guerra Grande, n. 10. Editora El Lector. Asunción, Paraguay.
- FRAGOSO, A. T. (1934) *História da Guerra entre a Tríplíce Aliança e o Paraguai*. Volume IV. Imprensa do Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro.
- FIGUEIREDO, A. C. de A. (Visconde de Ouro Preto). (1981) *A Marinha D'outrora*: (subsídios para a história). Coleção Jaceguay, 3ª edição, SDGM. Rio de Janeiro.
- FROTA, G. de A; LIMA, M. V. R. de. (2008) *Diário Pessoal do Almirante Visconde de Inhaúma durante a Guerra da Tríplíce Aliança (dezembro de 1866 a janeiro de 1869)*. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1ª Edição.
- JOURDAN, E. C. (1871) *Atlas Histórico da Guerra do Paraguay*. Rio de Janeiro.
- JOURDAN, E. C. (1890) *Guerra do Paraguay*. Laemmert & C. Rio de Janeiro.
- MASTERMAN, J. F. (1870) *Siete Años de Aventuras en el Paraguay*. Traducido por David Lewis. Imprenta Americana. Buenos Aires.
- MOTTA, A. S. da. (Barão de Jaceguay). (1985) *De Aspirante a Almirante – Minha fé de Ofício Documentada*. Volume II, 2ª Edição, SDGM. Rio de Janeiro.
- NUÑEZ, R. (Capitão de Fragata), (2007). *Memorias Militares in Testimonios de la Guerra Grande: muerte del Mariscal Lopez*. Tomo II. ABC color.
- O DESPERTADOR. *Exploração do Rio Manduvirá e seus Afluentes*. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=709581&pagfis=2732&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso dia 08/01/2016.
- PAOLINI, J. E. G. *Para la Memoria*. Histamar. Disponível em: <<http://www.histamar.com.ar/ArmasExtranjeras/Paraguay/VaporCue-11-RecDatosHist.htm>> Acesso dia 08/01/2016.
- SILVA, T. M. da. (1884) *Historia Naval Brasileira*. Rio de Janeiro. Editor B. I. Garnier.
- TAUNAY, A. D'E. (Visconde de Taunay). (1926) *Diário do Exército*: campanha das cordilheiras. São Paulo: Melhoramentos.
- TAUNAY, Alfredo D'E. (Visconde de Taunay). (1926) *Diário do Exército*: de Campo Grande a Aquidabã. São Paulo: Melhoramentos.